

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI NO BRASIL, Rua João Cachoeira, 1496,
CEP 04535, São Paulo, SP.

Esta FOLHA INFORMATIVA publica-se com censura eclesiástica da Sagrada Congregação
para as Causas dos Santos.

Gráficos CHESTERMAN (011) 270-9488



O Servo de Deus
JOSEMARÍA ESCRIVÁ
Fundador do Opus Dei

FOLHA INFORMATIVA Nº 8 SÃO PAULO

Sessenta anos do Opus Dei

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902. Fez o secundário em Barbastro e Logroño, e os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde, em Roma, obteria o grau de Doutor.

Fez o curso de Direito civil na Universidade de Saragoça, e depois doutorou-se na Universidade de Madri. Em 1960, recebeu o grau de Doutor honoris causa em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, na Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote no dia 28 de março de 1925, iniciou a sua atividade pastoral em paróquias rurais e, desde 1927, entre os pobres e enfermos dos subúrbios e dos hospitais de Madri. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madri, cargo que desempenhou até 1946, ano em que transferiu a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

A 2 de outubro de 1928, em Madri, tinha fundado o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. Em 14 de fevereiro de 1930, Mons. Josemaría Escrivá fundou a Secção feminina do Opus Dei; e em 14 de fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé em 16 de junho de 1950; e no dia 28 de novembro de 1982 foi erigido como Prelazia pessoal, forma jurídica introduzida no Direito da Igreja pelo Concílio Vaticano II, que era a desejada e prevista por Mons. Escrivá.

Com oração e penitência constantes, e com uma dedicação contínua e incondicional à Vontade de Deus, o Padre — como o chamam suas filhas e seus filhos, e outros muitos milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e guiou a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando o seu Fundador entregou a alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido pelos cinco continentes e contava mais de 60.000 membros de 80 nacionalidades, a serviço da Igreja e animados do mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos que Mons. Escrivá sempre viveu e inculcou em seus filhos.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a viver uma terna e forte devoção à Santíssima Virgem e a São José, a cultivar um trato habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda, e a ser semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Mons. Josemaría Escrivá tinha oferecido repetidas vezes a sua vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice. O Senhor acolheu esse oferecimento, e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

Seu corpo repousa na Cripta da igreja prelatícia de Santa Maria da Paz — Viale Bruno Buozzi 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento de suas filhas e filhos, e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e pelos ensinamentos do Fundador do Opus Dei. A causa de beatificação e canonização de Mons. Escrivá foi introduzida em Roma no dia 19 de fevereiro de 1981.

O Servo de Deus Josemaría Escrivá está para sempre indissolúvelmente unido ao Opus Dei pois, como se lê na oração para a devoção privada, foi o “instrumento fidelíssimo” escolhido por Nosso Senhor para fundar a Obra de Deus. Desde a data da fundação, 2 de outubro de 1928, a vida do Servo de Deus identifica-se com o nascimento e desenvolvimento do Opus Dei, ao qual se entrega com todo o ardor e com a capacidade de amar que Deus lhe tinha concedido de maneira superabundante.

Quando, anos mais tarde, lhe perguntavam como é que o Opus Dei veio ao mundo, o Fundador respondia com humildade, recordando a carência absoluta de recursos materiais: **Sem nenhum meio humano. Eu tinha apenas 26 anos, graça de Deus e bom humor. A Obra nasceu pequena: não era senão o anseio de um jovem sacerdote, que se esforçava por fazer o que Deus lhe pedia (1).**

Passaram-se 60 anos desde aquele 2 de outubro. A mensagem que Deus colocou no coração sacerdotal de Mons. Escrivá era — segundo as suas próprias palavras — **uma novidade, antiga como o Evangelho, que torna acessível a pessoas de todas as classes e condições — sem discriminação de raça, de nação, de língua — o doce encontro com Jesus Cristo nos afazeres de cada dia. Novidade bem simples, como são as novas do Senhor (2).**

A semente divina produziu fruto generoso em muito poucos anos, de maneira que em 1967 o Servo de Deus podia dizer:

Os que seguiram a Jesus Cristo comigo, pobre pecador, são: uma pequena percentagem de sacerdotes (...) e a grande multidão formada por homens e mulheres — de diversas nações, de diversas línguas, de diversas raças — que vivem do seu trabalho profissional, casados a maior parte deles, solteiros muitos outros, e que, ao lado de seus concidadãos, tomam parte na grave tarefa de tornar mais humana e mais justa a sociedade temporal: na nobre lide dos afãs diários, com responsabilidade pessoal — repito —, experimentando com os outros homens, lado a lado, êxitos e malogros, tratando de cumprir os seus deveres e de exercer os seus direitos sociais e cívicos. E tudo com naturalidade, como qualquer cristão consciente, sem mentalidade de gente seleta, fundidos na massa dos seus colegas, enquanto procuram descobrir os fulgores divinos que reverberam nas realidades mais vulgares (3).

A novidade da mensagem proclamada por aquele jovem sacerdote — a de que a grande maioria dos cristãos é chamada a alcançar a santidade em e através do seu trabalho profissional ordinário no meio do mundo — provocou incompreensões, calúnias — sempre tem acontecido assim com as obras de Deus — e, no Fundador, dor, sofrimento em meio a uma alegria e bom humor que contagiava os que o seguiam:

Capa: Mons. Josemaría Escrivá em Castella daura, Barcelona (Espanha). Novembro de 1972.

Sabem por que a Obra se desenvolveu tanto? Porque a trataram como um saco de trigo: deram-lhe pancadas, maltrataram-na, mas a semente é tão pequena que não se partiu; pelo contrário, espalhou-se aos quatro ventos, caiu em todas as encruzilhadas humanas onde há corações famintos de Verdade, bem dispostos, e agora temos tantas vocações, e somos uma família numerosíssima, e há milhões de almas que admiram e amam a Obra, porque vêem nela um sinal da presença de Deus entre os homens, porque se apercebem dessa misericórdia divina que não se esgota (4).

O Opus Dei, “tendo crescido, com a ajuda da graça divina, ao ponto — afirma João Paulo II na Constituição Apostólica *Ut sit* — de se difundir e trabalhar num grande número de dioceses de todo o mundo, como um organismo apostólico composto de sacerdotes e leigos, tanto homens como mulheres, que é ao mesmo tempo orgânico e indiviso — ou seja, como uma instituição dotada de uma unidade de espírito, de fim, de regime e de formação —, tornou-se necessário conferir-lhe uma configuração jurídica adequada às suas características peculiares” (5).

Em conseqüência, em 1982, o Papa erigiu aquela “família numerosíssima”, de que falava o Fundador do Opus Dei, em Prelazia pessoal, de acordo com as normas emanadas do espírito do Concílio Vaticano II: essa era a forma jurídica que o Fundador desejava, e pela qual havia rezado e feito com que se rezasse durante muitos anos, pois ela permite que “o Opus Dei seja sempre um instrumento apto e eficaz da missão salvífica que a Igreja leva a cabo para a vida do mundo” (6).

Transcorreram 60 anos desde aquele dia 2 de outubro. O Opus Dei é uma realidade de trabalho apostólico a serviço da Igreja Universal e das igrejas particulares. Com a graça de Deus, o seu desenvolvimento e crescimento prosseguem, e os seus membros procuram secundar com a sua vida e atividades apostólicas os afãs divinos que o Senhor colocou na alma do Fundador. Porque o Opus Dei existe somente para o serviço da Igreja e de toda a humanidade: a sua tarefa consiste “em esforçar-se por levar à prática doutrina da chamada universal à santidade e em promover entre todas as classes sociais a santificação do trabalho profissional” (7).

A tarefa realizada foi possível porque — como dizia em 1983, com agradecimento filial, o atual Prelado Mons. Alvaro del Portillo — “o Opus Dei contou além disso, ao longo de todo o seu caminho, com a ajuda contínua da Santíssima Virgem, a quem o nosso Fundador amou apaixonadamente. Eu diria que foi Ela quem conduziu todos os nossos passos. Apalpamos a sua proteção maternal” (8).

(1) ESCRIVÁ, J., *Questões atuais do cristianismo*, Quadrante, 3ª ed., São Paulo 1986, n.º 32.

(2) S. BERNAL, *Perfil do Fundador do Opus Dei*, Quadrante, 1ª ed., São Paulo 1977, p. 129-130.

(3) ESCRIVÁ, J., *Questões...*, n.º 119.

(4) S. BERNAL, o.c., p. 372.

(5) Constituição Apostólica *Ut sit*, 28-XI-1982: AAS 85 (1983), p. 423.

(6) *Ibidem*.

(7) *Ibidem*.

(8) *L'Osservatore Romano*, 25-III-1983, p. 7.

TEXTOS DE MONS. ESCRIVÁ

Que a tua vida não seja uma vida estéril. — Sê útil. — Deixa rasto. — Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor. Apaga, com a tua vida de apóstolo, o rasto viscoso e sujo que deixaram os semeadores impuros do ódio. — E incendeia todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que levamos no coração (*Caminho*, n.º 1).

“Peça por mim — dizias —: que eu seja generoso, que progrida, que chegue a transformar-me de tal modo que algum dia possa ser útil em alguma coisa”. Bem. — Mas, que meios empregas para que esses propósitos se tornem eficazes? (*Sulco*, n.º 3).

E escolheu-nos antes da criação do mundo, para que sejamos santos. Eu sei que isto não te enche de orgulho, nem te faz sentir superior aos outros homens. Essa escolha, raiz da chamada, deve ser a base da tua humildade. Levanta-se por acaso um monumento aos pincéis do grande pintor? Serviram para plasmar obras primas, mas o mérito é do artista. Nós, cristãos, somos apenas instrumentos do Criador do mundo, do Redentor de todos os homens (*É Cristo que passa*, n.º 1).

Com freqüência, sinto ímpetos de gritar ao ouvido de tantas e de tantos que, no escritório e nas lojas, no jornal e na tribuna, na escola, na oficina e nas minas e no campo, amparados pela vida interior e pela Comunhão dos Santos, devem ser portadores de Deus em todos os ambientes, segundo aquele ensinamento do Apóstolo: “Glorificai a Deus com a vossa vida e levai-o sempre convosco” (*Forja*, n.º 945).

A chamada do Senhor — a vocação — apresenta-se sempre assim: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. Sim, a vocação exige renúncia, sacrifício. Mas, como se torna prazeroso o sacrifício — “gaudium cum pace”, alegria e paz —, se a renúncia é completa! (*Sulco*, n.º 8).

Por que não experimentas converter em serviço de Deus a tua vida inteira: o trabalho e o descanso, o pranto e o sorriso? — Podes... e deves! (*Forja*, n.º 679).

Tu tens de procurar que haja, no meio do mundo, muitas almas que amem a Deus de todo o coração. É hora de fazer contas: quantas ajudaste tu a descobrir esse Amor? (*Forja*, n.º 898).

Vislumbres do Amor de Deus

No dia 28 de junho de 1974, o Fundador do Opus Dei cruzava a Cordilheira dos Andes e sobrevoava território chileno. Poucas horas depois, encontrava-se rodeado de estudantes, na Residência universitária Alameda, de Santiago. Ardia em desejos de animá-los a ser melhores, a comprometer-se na bela e árdua tarefa de se formarem cristãmente. Mons. Escrivá vinha realizando um intensíssimo trabalho de catequese pela América do Sul: primeiro no Brasil, depois na Argentina. Falara a milhares de pessoas, de todas as condições, respondendo às suas perguntas sobre a maneira de encarnar o Evangelho no meio das ocupações familiares e profissionais, e abrindo novos horizontes de amor de Deus a muitas almas. Cada reunião recordava-lhe os começos da Obra em Madri...

E, de repente, intervindo no diálogo, um rapaz, quase adolescente, levanta-se:

— Padre, eu não sou do Opus Dei, mas como poderia chegar a sê-lo?

O Servo de Deus conhece essas impaciências juvenis. Talvez, por alguns segundos, retorne com a imaginação aos seus anos de juventude...

— Escuta...! Quantos anos tens?

— Quinze, Padre.

— Na tua idade, eu também não era do Opus Dei, nem sabia o que era o Opus Dei..., nem existia o Opus Dei! (...) Eu tinha as mesmas inquietações que tu. Na tua idade, mais ou menos, quando as paixões começam a agitar-se e como que puxam pela roupa, para aqui, para ali, para o outro lado, e a vista se escapa, vislumbrei o Amor! Não fico ruborizado ao dizer-te isto; estes que estão ao nosso lado não ficam sabendo; estamos sozinhos tu e eu. Eu tinha a tua

idade quando vislumbrei o Amor; e experimentei uma mudança radical, com a graça do Senhor. Não é que antes fosse mau. Quem sabe se tu não estás vislumbrando o Amor?

O Opus Dei é um caminho de amor. No Opus Dei, podem-se percorrer todos os caminhos da terra, tornando-os divinos, sem deixarmos de ser muito humanos, porque Deus Nosso Senhor não nos pede coisas desumanas. Se te estou falando com este carinho de irmão mais velho e de pai, é porque sou homem como tu. E quando falo com o meu Senhor — com Deus —, falo-lhe com a minha voz de homem ou com a minha cabeça de homem, porque umas vezes rezo e outras vezes oro. E digo-lhe que o amo, porque é verdade. Com este coração que teria podido colocar no carinho de uma mulher, com este coração com o qual amei minha mãe e meu pai, estou-te respondendo a ti e falando com Deus.

Eu penso que vislumbra alguma coisa. Deixa-te conduzir pela graça! Deixa que o teu coração voe! Porque se é verdade que o coração humano está inclinado para as coisas baixas, também tem asas para voar alto, até o Coração de Deus. Faz a tua pequena novela: uma novela de sacrifícios e de heroísmos. Com a graça de Deus, ficarás aquém do que imaginas (1).

AOS QUINZE ANOS

A pergunta deste rapaz convida a folhear para trás as páginas da história. Transcorrem os dias do tempo de Natal de 1917-18. A neve espessa cobre completamente a paisagem de Logronho, capital



Imagem de Nossa Senhora dos Anjos, que se encontra numa capela de Santa Maria La Redonda, aonde o Servo de Deus ia rezar com freqüência.

da Rioja espanhola. O frio intensíssimo destempera o clima da cidade até chegar aos dezesseis graus negativos, as temperaturas mais baixas que Logronho havia conhecido. Com a geada, as árvores, ruas e beirais dos telhados parecem obra da fantasia de um gigantesco escultor. O rio está coberto por uma sólida placa de gelo. O trânsito pelas ruas é perigoso, apesar das camadas de palha espalhadas pelos funcionários da Prefeitura.

Josemaría Escrivá, que mora com a família na Rua Sagasta, numa casa que faz esquina com a Rua Velha, muito próxima da ponte de ferro sobre o rio Ebro, con-

templou nesses dias o espetáculo insólito da cidade nevada. Certa manhã, tropeça pelas ruas com as pegadas que deixaram na neve os pés descalços de um carmelita, o padre José Miguel.

Este pormenor de abnegação heróica faz brotar generosos desejos na alma de Josemaría: se os outros são capazes de viver, por amor a Deus, uma vida de sacrifício, eu que faço por Ele?

Acodem ao meu pensamento tantas manifestações do Amor de Deus naqueles anos da minha adolescência — diria anos mais tarde o Servo de Deus —, quando tinha vislumbres de que o Senhor queria alguma coisa de mim, alguma coisa que eu não sabia o que era. Acontecimentos e pormenores comuns, aparentemente inocentes, de que Ele se valia para meter na minha alma essa inquietação divina. Por isso compreendi muito bem aquele amor tão humano e tão divino de Teresa do Menino Jesus, que se comove quando por entre as páginas de um livro vê assomar uma estampa com a mão ferida do Redentor. Comigo também aconteceram coisas semelhantes, que me sacudiram e me levaram à comunhão diária, à purificação, à confissão e à penitência (2).

Ao mesmo tempo, Josemaría pede luz para conhecer a Vontade de Deus. E reza cheio de confiança, com uma oração impetuosa, para que se realize aquilo que a Providência parece desejar dele e que ele não sabe em que consiste. Durante cerca de três meses, vai ao convento dos Carmelitas para falar com o padre José Miguel. Conta-lhe o que acontece no seu interior: o horizonte de amor que Deus quis abrir na sua alma. O padre José Miguel compreende que está diante de alguém que começou a saborear o Amor divino, e propõe-lhe ingressar no Carmelo.

Josemaría medita na sugestão. Mas depois de considerá-la detidamente, conclui que o Senhor tem planos diferentes para a sua vida. A partir desse momento, é frequente encontrá-lo em Santa Maria La

Redonda — numa belíssima capela barroca dessa igreja, presidida por uma imagem de Nossa Senhora dos Anjos — para confiar as suas inquietações ao cuidado amoroso da Virgem Santíssima.

VOCAÇÃO SACERDOTAL

Vislumbra o amor de Deus, sente o chamado divino; e, para estar à disposição daquilo que o Senhor lhe venha a mostrar, decide ser sacerdote. A idéia nunca lhe havia passado pela cabeça. Ele mesmo o contará anos mais tarde:

Eu amava muito os sacerdotes, porque a formação que recebi em minha casa era profundamente religiosa; tinham-me ensinado a respeitar, a venerar o sacerdócio. Mas não para mim: para os outros.

Lembro-me de que, quando fazia o secundário, estudávamos latim no colégio. Não gostava. De uma maneira tola — agora isso me dói tanto! —, dizia: o latim para os padres e para os frades... Vedes como estava bem longe de ser sacerdote? (3)

A idéia de fazer carreira eclesiástica não o anima, mas pensa que, sendo sacerdo-

te, estará mais disponível para cumprir essa Vontade de Deus que ainda não conhece e que, não obstante, domina já toda a sua vida.

E nessa convicção, um bom dia, em plena primavera de 1918, comunica-o a seu pai. O Sr. José Escrivá, que continuava entregue ao seu trabalho para levar adiante a família, depois da dura situação a que se tinham visto reduzidos pelos revezes econômicos, fica totalmente surpreso. De um momento para outro desmorona o futuro que sonhava para o seu único filho homem. E ele, que jamais tinha chorado diante de tantos acontecimentos dolorosos, nota agora que a emoção lhe arranca umas lágrimas. O Servo de Deus assim o recordava:

Um bom dia disse a meu pai que queria ser sacerdote: foi a única vez que o vi chorar. Ele tinha outros planos possíveis, mas não se insurgiu. Disse-me:

— Meu filho, pensa bem. Os sacerdotes têm que ser santos (...). Pensa um pouco mais, mas eu não me oporei (4).

E o Sr. José, com o mais sério respeito pela livre decisão do filho, leva-o a D. Antolin Oñate, Abade da Colegiada de Santa Maria La Redonda, para que o acon-



Liceu de Logronho, onde o Servo de Deus cursou os últimos anos do Secundário.

selhe e ajude no caminho que empreendeu.

No entanto, o Servo de Deus continua pedindo luz para conhecer a Vontade de Deus — **Domine, ut videam!**, Senhor, que eu veja! — e repete uma invocação confiante para que se realize isso que o Senhor deseja: **Domine, ut sit!**, Senhor, que seja! Que se faça isso que tu queres. Passou muitos anos assim, às escuras, em oração perseverante, com a fé e a esperança de que não deixaria de dar fruto a semente que o Senhor havia colocado na sua mente e no seu coração para que germinasse.

Naqueles meses, Josemaría escreve à sua tia Cruz Albás, irmã de sua mãe, religiosa carmelita no convento de São Miguel de Huesca. Conta-lhe a sua decisão de tornar-se sacerdote e expõe-lhe a necessidade que tem de luz para conhecer os designios últimos de Deus, que se tinham apoderado do seu ser aos dezesseis anos. Na sua vida, será uma constante este pedido de ajuda às almas contemplativas para que leve para a frente o que Deus lhe pede.

Sente-se pessoalmente incapaz de responder adequadamente à escolha divina. E costuma recitar devagar uma ladaíinha com raízes de profunda humildade: **Não valho nada, não tenho nada, não posso nada, não sou nada, não sei nada...** (5). Mas sente-se forte e seguro nos braços de seu Pai-Deus. E com generosa juventude deixa-se conduzir pela divina loucura que vai animar a sua vida inteira. Da sua alma levanta-se aquele grito, doce e forte, que havia brotado do coração do jovem Samuel: **Ecce ego, quia vocasti me!** — **Aqui estou porque me chamaste!** (6).

NO SEMINÁRIO DE LOGRONHO

Em outubro de 1918, Josemaría matricula-se como aluno externo no Seminário de Logronho, para começar os estudos de Teologia juntamente com um bom grupo de alunos que participam do mesmo regime.



Logronho, maio de 1921. O Servo de Deus, aos 19 anos, com seu irmão Santiago.

Josemaría chega ao Seminário com a bagagem de uns estudos secundários brilhantes, de uma inteligência notável e clara, e de uma personalidade comunicativa e educada. Seus companheiros recordarão a elegância natural dos seus modos, a correção do seu porte e a nobre atitude de serviço com que oferece a sua amizade.

Começa um tempo de sacrifício e de alegrias: uma etapa de crescimento no Amor a Deus, de generosidade, de luta ascética.

A partir dessa época, e ao longo de dez anos de oração insistente e confiada, o Servo de Deus, na obscuridade dos vislumbres de um chamado divino para algo que pressente mas que o Senhor ainda não lhe mostrou, continua pedindo que isso se realize: — Senhor, que seja: **Domine, ut sit!**; Senhora, que seja: **Domina, ut sit!**

(1) RHF 20771, pág. 45.

(2) RHF 20164, págs. 316-317.

(3) RHF 20164, págs. 218-219.

(4) RHF 20164, pág. 219.

(5) RHF 20164, pág. 357.

(6) I Sam. III,9.

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua fidelidade heróica à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança a serviço da sua missão, Monsenhor Josemaría Escrivá inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei em todo o mundo.

A principal tarefa da Obra é a formação dos seus membros para que cada um realize, individualmente, o seu trabalho apostólico de cristão no mundo e na sociedade.

O apostolado essencial do Opus Dei - são palavras do seu Fundador - é o que cada membro realiza individualmente no lugar em que trabalha, com sua família, entre seus amigos. Uma atividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo a Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da atividade profissional de todos os dias (Questões Atuais do Cristianismo, nº 71).

No entanto, tal como ele mesmo respondia à pergunta de um jornalista: **Além disso, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não pertencem à Obra - e que muitas vezes não são cristãs -, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo atual enfrenta: centro educativos, assistenciais, de promoção e capacitação profissional, etc.** (Questões Atuais do Cristianismo, nº 84).

Aqui iremos recordando, de forma necessariamente breve, algumas das muitas obras apostólicas, com as mais diversas características, conforme as necessidades do lugar ou do momento, que nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

NETHERHALL HOUSE

Londres

Netherhall House é uma residência para estudantes universitários que realizam os seus estudos na Universidade de Londres e em outros centros de ensino superior da capital britânica. Foi inaugurada em abril de 1952, graças ao impulso de Mons. Escrivá, que desde os começos do trabalho apostólico do Opus Dei no Reino Unido animou os seus filhos a instalarem essa Residência internacional como meio de contribuir para a formação humana e espiritual dos universitários. Mons. Escrivá sempre considerou Londres uma **encruzilhada do mundo**, onde se encontravam milhares de estudantes de todos os continentes. E o seu amor às almas levava-o a compreender o grande bem que representaria, para a ação evangeliza-



Uma perspectiva de Netherhall House.

NOVIDADE

O FUNDADOR DO OPUS DEI

de Andrés Vázquez de Prada

Depois do livro *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer*, de Salvador Bernal, que traça o perfil do Fundador do Opus Dei, fazia falta um estudo biográfico que o retratasse de corpo inteiro, no despontar e madurar do destino de um homem chamado por Deus para iniciar um novo capítulo na história da Igreja: o da tomada de consciência das responsabilidades do laicado na missão da Igreja.

O que o autor tinha diante de si era a vida de um homem que devia não apenas formular a doutrina do caminho de santidade para o cristão corrente, mas ser ele próprio o modelo acabado e amável das virtudes "laicais", inteligível tanto para a mente universitária quanto para o vendedor de sorvetes ou o homem do campo. Uma alma assim, em que tinham de juntar-se por vontade divina o céu e a terra, numa orquestração de registros e matizes mais rica que um nascer ou pôr de sol no horizonte de cada dia, é a que o autor se empenhou em fixar, delineando uma pintura cordialmente exigente, sumamente atrativa.

O autor oferece-nos nesta biografia o melhor de si. Dir-se-ia que no estilo de corte clássico, no encantamento das palavras de sabor antigo, naturalmente combinadas com a desenvoltura de uma construção quase coloquial, nos veios de tênue ironia que sulcam o relato, se propôs duas coisas: por um lado, apoiar na própria forma literária os traços do biografado, em vastidão de tons e ritmos, e, por outro, disfarçar de algum modo a ardente emoção que experimenta pela figura.

Densa em conseqüências, esta obra convida não só à admiração que sempre suscitam as grandes figuras históricas, quando se movem nos planos de Deus, mas à descoberta de um destino que bem pode ser pessoal, de um ideal de vida que do episódico tira a lição permanente. Seu resumo bem poderiam ser aquelas palavras do biografado: «Um segredo. Um segredo em voz alta: estas crises mundiais são crises de santos». De santos empreendedores e alegres, em todas as atividades humanas.

ANDRÉS VÁZQUEZ DE PRADA



O FUNDADOR DO OPUS DEI

- Formato 16x23 cm em papel off-set 90g
- 608 páginas com 98 fotografias a preto e branco e a cores
- acabamento encadernado, com sobrecapa 4 cores

O Autor:

Andrés Vázquez de Prada foi por muitos anos Assessor da Embaixada espanhola em Londres e Comissário de Turismo para diversos países da Europa. Atualmente é Conselheiro de Cooperação Internacional. Publicou já duas biografias, sobre Sir Thomas More e sobre o Cardeal Newman (*O sonho de um ancião*), e diversos ensaios sobre temas humanísticos, entre eles o livro *O sentido do humor*.

Para adquirir este livro, basta escrever diretamente a

QUADRANTE, Sociedade de Publicações Culturais
R. Iperoig, 604 - Tel. 263-0750
CEP 05016 - SÃO PAULO - SP

enviando num envelope pelo correio os dados abaixo indicados, juntamente com um cheque (cruzado e em nome de QUADRANTE, Sociedade de Publicações Culturais) no valor de NCz\$ 60,00.

Esse preço é válido até o dia 30 de setembro. A partir de então, os interessados em adquirir algum exemplar deverão pedir informações sobre o preço à QUADRANTE.

Desejo receber ____ exemplar(es) do livro **O FUNDADOR DO OPUS DEI**, de Andrés Vázquez de Prada

Nome

Endereço

CEP Cidade Estado Tel.

Anexo cheque nº do Banco

Valor de NCz\$ Data

O seu pedido será atendido pelo correio sem outras despesas.

Obras de Mons. Escrivá:

Caminho, 7ª ed., 312 págs., 9x13 cm

Sulco, 336 págs., 12,5x19 cm

Forja, 336 págs., 12,5x19 cm

É Cristo que passa, 284 págs., 14x21 cm

Amigos de Deus, 284 págs., 14x21 cm

Santo Rosário, 2ª ed., 125 págs., 12x18 cm

Via Sacra, 2ª ed., 134 págs., 12x18 cm

Questões atuais do cristianismo, 3ª ed., 202 págs., 14x21 cm

Para que todos se salvem, 48 págs., 12x16,5 cm

Para adquirir algum destes livros, basta escrever diretamente à QUADRANTE.



Durante a inauguração dos novos edifícios de Netherhall pela Rainha-Mãe.

dora da Igreja em países distantes, um serviço como o que essa Residência universitária se propunha oferecer.

Numa entrevista ao "The New York Times", em 1966, Mons. Escrivá resumia deste modo a finalidade de Netherhall House e das outras residências universitárias informadas pelo espírito do Opus Dei: **Oferecem aos estudantes não apenas alojamento, mas diversos programas para completarem a sua formação cultural, humana e espiritual. Netherhall House, em Londres, é talvez especialmente interessante pelo seu caráter internacional. Vêm convivendo nessa residência universitários de mais de 50 países. Muitos deles não são cristãos, porque os Centros do Opus Dei estão abertos a todos, sem discriminação de raça ou religião (1).**

Mons. Wheeler, na época capelão da Universidade de Londres, e que depois foi bispo de Leeds, conheceu este Centro nos seus primeiros anos de funcionamento: "Quando começou Netherhall — recorda —, eu animava os estudantes a freqüentá-lo. Esse foi o meu primeiro contato com um Centro do

Opus Dei, mas desde então os tenho visto em muitos lugares diferentes. O que sempre me agrada nos Centros do Opus Dei é o espírito de civilização, civilização das melhores. Nenhuma grandiosidade excessiva; há sempre bom gosto sem ostentação e, ao mesmo tempo, uma autêntica cristianização da civilização da nossa época. Além disso, nota-se sempre um ar de família, coisa que também me agrada. É um espírito de grande disciplina pessoal e de integridade. O Fundador do Opus Dei conseguiu atingir o equilíbrio certo" (2).

A fama de Netherhall estendeu-se rapidamente, e em poucos anos foi necessário ampliar o edifício. Graças ao impulso de Mons. Escrivá, que visitou aquela casa várias vezes nas viagens que fez a Londres entre 1958 e 1962, completou-se em 1966 a construção dos novos edifícios. Em 1º de novembro desse ano foram inaugurados pela Rainha-Mãe, Grão-Chanceler da Universidade de Londres. No discurso de inauguração, mencionou a falta que se sentia, na capital da Inglaterra, de alojamentos idôneos para estudantes universitários, sobretudo para os que vinham do ultramar. Depois, falando dos ideais que sustentam a vida universitária, disse: "Não posso conceber um lugar melhor para promover tais valores do que Netherhall House, que se baseia em tradições cristãs, sobretudo na tradição de servir".

Os novos edifícios, além de duplicarem a capacidade de alojamento em Netherhall, aumentando-a para cem lugares, permitiram oferecer eficazes instrumentos de trabalho — como a biblioteca, que é freqüentada também por muitos estudantes que não são residentes — e meios para o desenvolvimento das atividades de formação cultural organizadas pela Residência: um auditório para conferências, concertos ou sessões de cinema, além de outros locais apropriados para seminários ou reuniões de trabalho.

Era difícil imaginar em 1952 que, num período de pouco mais de um quarto de século, cinco mil jovens de cem países diferentes passariam por Netherhall House. Pessoas de religiões as mais diversas conheceram os valores da fé cristã e difundiram por todo o mundo a mensagem de compreensão e de cordial colaboração que viveram na Residência, porque, desde o começo, Netherhall se caracterizou por um ambiente de



Londres, agosto de 1961. O Servo de Deus com um grupo de filhos seus, quando estava sendo preparado o projeto para as novas construções de Netherhall.

amizade e de família, onde o espírito cristão de solidariedade e de mútua estima permitia ultrapassar qualquer diferença de raça, mentalidade ou cultura.

Além de receberem estímulos e meios para melhorarem a sua preparação acadêmica, os estudantes são convidados a pôr os seus talentos ao serviço de outras pessoas: foi assim que surgiu o auxílio aos clubes de ginásios ou a colaboração em atividades assistenciais a anciãos, pobres e doentes. Este espírito de serviço, que tantos universitários experimentaram durante a sua permanência em Netherhall, contribuiu para que muitos deles, não cristãos, viessem a conhecer a Cristo: alguns converteram-se à Igreja Católica; outros quiseram participar de iniciativas apostólicas na Grã-Bretanha ou em lugares tão variados como o Japão, a Nigéria, o Quênia, Hong-Kong e a Malásia.

Quando, ao terminarem os seus estudos, os residentes regressam aos seus países de origem, muitos mantêm contato com Nether-

hall. Em suas cartas, ou ao tornarem a visitar a Residência, nunca deixam de expressar a sua profunda gratidão pelos anos que ali passaram, ou pela experiência que os levou a descobrir a grande novidade da mensagem cristã, convivendo com outros universitários. **É na convivência que as pessoas se formam**, afirmava Mons. Escrivá; **é assim que cada qual aprende que, para poder exigir que respeitem a sua liberdade, deve respeitar a liberdade dos outros (...). Os talentos próprios devem ser postos ao serviço dos outros, pois sem isso de pouco valem. As obras corporativas que o Opus Dei promove em todo o mundo estão sempre ao serviço de todos, porque são um serviço cristão (3).**

(1) *Questões atuais do Cristianismo*, Quadrante, 3ª ed., São Paulo, 1986, n.º 56

(2) *Scottish Catholic Observer*, 23-IV-1982

(3) *Questões...*, n.º 84.

Escrevem-nos

UMA VIDA NORMAL

Meu filho Francisco é portador de paralisia cerebral, proveniente de um parto difficilimo, em que ambos quase perdemos a vida. Desse dia inesquecível, ficaram seqüelas físicas no meu pequeno Fran. Os médicos, na ocasião, não nos confirmaram nada. Apenas nos disseram que fizéssemos estimulação precoce, o que o Francisco passou a fazer todos os dias, desde que tinha um mês de vida.

Vivemos então o primeiro ano cheios de esperanças. Mas os meses iam passando e o Fran não atingia as metas de um bebê normal. Constatar a realidade e aceitá-la foi muito doloroso. Era o primeiro filho: todos os sonhos para ele, tantos planos...

Vivi assim, entre depressão e alegria, entre fraqueza e força, até fevereiro de 1988, quando conheci o Opus Dei e o seu Fundador, Mons. Josemaría Escrivá. Eu sentia necessidade de ter mais fé, mas não conseguia encontrá-la. Bastou pôr os pés lá e Deus passou a ser meu amigo de todas as horas. Por sua vez, Mons. Escrivá — a quem invoco continuamente — passou a ser uma espécie de pai, que me segue e abençoa todos os dias. Nunca imaginei que pudesse ter existido alguém assim, que me apresentasse uma vida religiosa tão bela e clara.

As orações ao Servo de Deus tornaram-se rotina e, com elas, o pedido de que me concedesse a graça de que o maior bem da minha vida, o meu filho, conseguisse ter uma vida normal: pelo menos, que conseguisse certa independência e capacidade de manifestar os seus desejos.

Disto não faz nem um ano, e o meu Fran de repente fala quase tudo, pede, reclama, exige... Tem muita vontade de conseguir andar, de alcançar as suas metas. É uma criança adorável, meiga e que sabe que vai conseguir muito mais.

Isto já o considero um milagre de Mons. Escrivá, mas não é o único. O fato de me ter tornado uma pessoa feliz, confiante e cheia de fé, é também um grande milagre.

L.V.P.F.L., Curitiba (Brasil)

APÓS UMA NOVENA

Minha filha tinha um emprego bom, mas os escritórios onde trabalhava estavam muito longe da nossa casa; levava três horas de carro, todos os dias, para ir e voltar. De tarde, encontrava-se tremendamente cansada.

Decidi fazer uma novena a Mons. Escrivá, indo rezar, durante nove dias, junto ao seu túmulo. No nono dia, minha filha foi contratada por uma editora cujos escritórios distavam apenas vinte minutos de casa.

Pela dificuldade que têm os jovens, hoje em dia, de encontrar trabalho, considero este fato um milagre, e envio-lhes esta carta para testemunhá-lo. Também lhes remeto um donativo.

I.C., Roma (Itália)

TODA A FAMÍLIA SE CONVERTE

No mês de maio, fui em romaria a uma ermida da Virgem Maria juntamente com uma senhora minha amiga, a qual me contou que o pai de uma de minhas antigas alunas estava gravemente doente e podia morrer em pouco tempo.

Combinamos levar ao doente uma estampa de Mons. Escrivá e um exemplar da **Folha Informativa**, embora soubéssemos que nem ele nem ninguém na família eram cristãos. Assim fizemos e sugerimos-lhe que pusesse a estampa debaixo do travesseiro. Minha amiga e eu nos propusemos pedir a sua conversão por intercessão de Mons. Josemaría Escrivá.

Passados dois ou três meses, esta amiga telefonou-me. O doente falecera havia dois dias e as exéquias tinham sido celebradas na igreja católica da cidade em que vivia. Fora batizado no dia anterior ao da morte.

“Foi a intercessão de Mons. Escrivá!”, exclamou duas vezes a minha amiga. Esclareceu-me que o fato se dera por vontade expressa do doente, que nesse dia estava ainda plenamente lúcido.

Quando fui apresentar os pêsames à viúva e aos filhos, surpreendeu-me a alegria que se respirava no ambiente. Na capela ardente — disposta no estilo do país, o Japão —, achavam-se junto da foto do defunto uma cruz de prata e um livro de orações; na salinha, uma imagem da Santíssima Virgem. Contaram-me que o doente, desde que recebera a estampa de Mons. Escrivá, a guardava sempre debaixo do travesseiro, e que, ao mudarem-lhe a roupa da cama, verificava sempre com a mão se a estampa estava no lugar.

Aquela graça não serviu somente para essa alma: a esposa, mais a filha e suas crianças, e ainda a nora, tinham decidido receber instrução para o Batismo. Em junho deste ano, a esposa foi batizada e os demais continuam com a preparação e instrução para recebê-lo.

A.M.B., Ashiya (Japão)

VOLTARAM À IGREJA

Meu tio casou-se civilmente, mas não recebeu o sacramento do matrimônio. Meus pais tentaram várias vezes convencê-lo a receber o sacramento sem necessidade de que sua filha o soubesse, pois ela ignorava o fato.

Minha tia desejava muito casar-se na Igreja, mas ele insistia na sua negativa. Ela já não sabia mais o que fazer, até que começou a rezar a Mons. Escrivá para que o marido cedesse. De fato, o principal problema estava em que meu tio não se resolvia a confessar-se desde fazia mais ou menos vinte anos.

Com a proximidade da data em que Deus chamou a Si Mons. Escrivá, a família toda se pôs a rezar uma novena por dia ao Padre para que ele se convertesse. Falando nove dias para 26 de junho, meu tio ainda resistia. Insistiram na novena e no dia 23 de junho voltaram a falar com ele... e nesse dia concordou em se confessar. Fê-lo antes da Missa celebrada no dia 26 em uma igreja da cidade onde mora. Pouco depois, muito bem preparado, casou-se na Igreja. Os dois ficaram imensamente felizes. Foi uma grande graça que o Servo de Deus nos concedeu, no dia do aniversário do seu trânsito para o céu.

X.X., São Paulo (Brasil)

REGRESSOU AO LAR

Como devota e eterna agradecida à mediação de Mons. Josemaría Escrivá junto de Nosso Senhor, preciso dar a conhecer o favor que me foi concedido.

Havia ano e meio que meu marido se tinha ido embora de casa, decidido a separar-se legalmente de mim e a refazer a sua vida.

Eu rezava diariamente a oração para a devoção privada a Mons. Josemaría Escrivá, pedindo por sua pronta beatificação e para que a paz e o amor voltassem ao meu lar. Nunca perdi a esperança nem a fé na sua intercessão.

E foi assim que há três meses o meu esposo voltou a estar ao meu lado; mudou, e agora é um homem compreensivo. É um verdadeiro milagre!

Desde então, rezo sempre a Mons. Escrivá e sou uma pessoa diferente, segura e positiva. Ele me guia em tudo, e com a sua ajuda consegui a felicidade para mim e para os meus filhos. Nunca o esquecerei!

O.B.P., Santiago (Chile)

DEPOIS DE TRINTA ANOS

Prezados senhores:

Tenho o atrevimento de me dirigir aos senhores a fim de lhes pedir que, por favor, publiquem na sua **Folha Informativa** o seguinte:

Ao lado de minha casa, há uma papelaria que costumo freqüentar por ter amizade com a dona. Como ela sabe que eu gosto de ler, entregou-me o outro dia uma **Folha Informativa**, com a fotografia de Mons. Escrivá, para que visse os milagres que fazia.

Li todos eles, e depois rezei a oração pedindo uma graça.

Dois ou três dias depois de rezar a Mons. Escrivá, algo aconteceu comigo. Vieram-me uns desejos grandes de fazer uma confissão geral. Devo dizer-lhes que havia já 30 anos que eu não me confessava. Confessei-me, e devo tudo a Mons. Escrivá, que fez o milagre.

Muito obrigado a este santo Servo de Deus.

CV., Albacete (Espanha)

DECIDIRAM BATIZAR-SE

Desejo dar notícia de um favor que, graças à intercessão de Mons. Escrivá, consegui para uma amiga minha.

Esta amiga disse-me um dia que nem ela nem os seus filhos estavam batizados. Imediatamente comecei a rezar a Mons. Escrivá, pedindo-lhe que ajudasse minha amiga a compreender a necessidade de receber este sacramento. Minhas orações foram ouvidas. Não só as crianças foram batizadas católicas, como também ela está recebendo formação pra se converter ao catolicismo, e logo será batizada.

B.M.B., Loftus (Austrália)

Num momento em que me encontrava completamente abatido (desempregado, doente e com problemas familiares), um amigo pediu-me o endereço sem explicar nada.

Alguns meses mais tarde, recebi pelo correio a **Folha Informativa**. Depois de a

ler com atenção e interesse, comecei a rezar com confiança a oração para a devoção privada ao Servo de Deus Mons. Escrivá. Eu pedia a Deus, pela intercessão do seu Servo Mons. Josemaría, em primeiro lugar, a paz e a alegria interiores. Pouco a pouco fui-me sentindo mais tranqüilo. Em segundo lugar, cinco meses depois, obtive um emprego no qual ocupo uma função de direção similar à anterior e, além disso, de condições mais vantajosas. Por fim, os outros problemas foram desaparecendo sucessivamente.

Não posso deixar de atribuir estes favores à ajuda e intercessão do Servo de Deus, a quem continuo recorrendo. Por tudo isto estou dando graças. Agora posso cantar: "Louvarei o Senhor sempre e em toda a parte".

Gostaria de receber as demais **Folhas Informativas**. Obrigado.

B.M., Kisangani (Zaire)

Uma minha prima, que mora no sul, foi com o marido e os dois filhos passar as férias em Fortaleza. Isso foi em fevereiro de 1988. Sua filha pequena, de quatro anos, Andréia, apresentou uns sintomas de gripe e febre que não cediam. Os médicos trataram-na como se fosse gripe, até o dia em que se diagnosticou uma meningite. O médico deu-lhe só aquela noite de vida.

A minha prima ligou para o Rio e pediu-nos que rezássemos. Lembrei-lhe que ela possuía uma estampa de Mons. Escrivá e pedi-lhe que a pusesse sob a cabeça da criança.

Pedimos intensamente ao Servo de Deus este favor. Progressivamente, a criança foi saindo de perigo e do estado de observação. Minha prima telefonou-me agradecendo e pedindo que continuássemos rezando para que o milagre fosse completo e a filha ficasse sem seqüelas. O médico não tinha muitas esperanças disso.

O Padre não se fez de rogado. A criança recebeu alta e, depois de feitos os exames, ficou comprovado que não apresentava seqüelas. Voltaram ao sul e a criança está ótima. Tanto o médico de Fortaleza como o pediatra do sul são unânimes em reconhecer que a cura é inexplicável.

E.M.M.B., Rio de Janeiro (Brasil)

Eu estava morrendo, pois os remédios que tomava não me faziam melhorar. Certo dia, de tarde, estive em minha casa uma prima que não via há dois anos, e, ao ver-me tão mal, falou-me de Mons. Josemaría. Levou-me ao médico, que me aconselhou a ir para um hospital de doentes infecciosos. Também me falou de Mons. Josemaría, deu-me uma estampa e me disse que rezasse; assim o fiz, e internaram-me no dia seguinte.

Depois de feitos os estudos, o diagnóstico foi de lepra. No quarto dia de internação, tive uma melhora surpreendente e, quinze dias depois, deram-me alta. Os médicos do hospital não podiam acreditar, mas eu sim, porque tive muita fé na intercessão de Mons. Josemaría.

S.M.C., Llavallol (Argentina)

Num convento do meu país, uma religiosa anciã sofria já há algum tempo de uma doença nas pernas que lhe causava grande padecimento; havia sido submetida a tratamentos em vários hospitais, mas sem resultado.

Um dia falou-me sobre a sua longa doença e sobre os sofrimentos que tinha. Comecei então uma novena ao meu querido santo Mons. Josemaría. Passados pou-

cos dias visitei-a e perguntei-lhe pelas suas dores. Ela me disse que a dor tinha desaparecido e que já não tinha nenhum sintoma da doença.

Esta religiosa também sofria de outro problema: tinha uma visão embaçada, e nas consultas médicas foi-lhe indicado que mudasse de óculos, mas, transcorridos cinco meses, não melhorava. Comecei a rezar ao nosso Mons. Josemaría e ela voltou a enxergar bem. Agora pode ler e escrever sem necessidade de ajuda. Depois destes acontecimentos, considera que não há nada mais milagroso que essas duas curas.

Ch.B., Singh Nagar (India)

Através de uma novena a Mons. Escrivá, minha irmã e eu conseguimos que nossos pais voltassem a fazer as pazes. Não se falavam senão para se agredirem, e pensavam em separação. Hoje, parece que se casaram ontem, de tão felizes e tranqüilos que estão. Agradeço muitíssimo ao Servo de Deus este favor.

X.X., São Paulo (Brasil)

Há mais de vinte anos eu tinha nas costas uma espécie de caroço de cor negra que crescia lentamente e me fazia sentir muitas dores pela inflamação. No hospital do câncer chegaram a dissuadir-me de extirpá-lo.

Depois de um certo tempo, o caroço havia crescido notavelmente e me causava dores muito maiores. Comecei a rezar a Deus pela intercessão de Mons. Escrivá. Rezava de manhã e de noite. Um mês depois, durante o banho, notei que a parte inchada tinha diminuído e estava de certo modo achatada. Prometi que, se Deus escutasse a minha oração e o tumor diminuísse, eu escreveria aos senhores para agradecer.

Hoje, com o coração cheio de agradecimento, informo-lhes que o caroço secou e que a mancha quase desapareceu, sem nenhum medicamento, em cinco meses. Obtive muitas graças de Deus por intermédio de Mons. Josemaría. Distribuí entre muitas pessoas doentes estampas com a oração para a sua devoção privada.

H.B., Poznan (Polônia)

Envio-lhes um vale postal de cinco libras como donativo por alguns favores recebidos.

Em 6 de junho deste ano, caí de uma escada e quebrei a perna direita. Machuquei-me tanto que os médicos duvidavam de que eu pudesse caminhar outra vez. A dor que sofria era terrível. Por isso, minha mulher trouxe-me ao hospital a minha estampa de Mons. Josemaría. Costumava colocá-la debaixo da perna e rezar: assim se aliviava a dor.

Durante as seis semanas em que estive no hospital, pensei que ia ficar louco, mas Mons. Josemaría manteve-me lúcido.

Poderiam mandar mais algumas estampas? Minhas irmãs de Nova York querem que eu lhes mande algumas.

T.A., Birmingham (Inglaterra)

Os originais destes relatos, com os nomes e endereços dos que escrevem, conservam-se no Arquivo da Postulação da Causa.

Obras publicadas de Mons. Josemaría Escrivá

Caminho

“Monsenhor Escrivá escreveu algo mais do que uma obra prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e é também diretamente ao coração que chegam os breves parágrafos que formam CAMINHO...” (L'Osservatore Romano, 24-III-1950). A primeira edição deste livro saiu em 1934, sob o título de *Considerações espirituais*. Hoje as edições já são 228, em 38 línguas e num total de 3.516.056 exemplares.

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos 15 mistérios da vida de Cristo que se contemplam ao rezar o Santo Rosário. A primeira edição foi publicada também em 1934. Deste então, apareceram 85 edições, em 18 línguas, e 538.769 exemplares.

Questões atuais do Cristianismo

Mons. Escrivá responde por escrito às perguntas formuladas por vários jornais e revistas de diferentes países, abordando os temas de maior importância para os leitores respectivos. A primeira edição saiu em 1968. Foram publicadas 43 edições, em 7 línguas, e 297.820 exemplares.

É Cristo que passa

O livro reúne algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá ao longo da sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristãs, em que se fundem a profundidade teológica e a clareza de exposição. A primeira edição é de março de 1973. Desde então apareceram 61 edições, em 11 línguas, e 375.961 exemplares. O volume tem um prólogo de Mons. Alvaro del Portillo, atual Prelado do Opus Dei.

Amigos de Deus

Coletânea de outras 18 homilias, nas quais o autor toma as virtudes cristãs como fio condutor do seu íntimo colóquio filial com Deus. O livro, vazado no mesmo estilo íntimo e direto do outro tomo de homilias, foi publicado em 1977 e atualmente conta com 39 edições, em 7 línguas, e 277.531 exemplares. O volume é precedido por um prólogo de Mons. del Portillo, atual Prelado do Opus Dei.

La Abadesa de las Huelgas

Um penetrante estudo teológico-jurídico, realizado a partir das fontes e documentos originais, sobre o caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadessa do famoso mosteiro de Burgos. A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

Via Sacra

Obra póstuma de Mons. Escrivá, fruto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor. Foi preparada para ajudar a fazer oração, para crescer no espírito de dor pelos nossos pecados e para aumentar as ânsias de agradecimento a Jesus Cristo que, por sua Misericórdia, nos resgatou ao preço do seu sangue. A primeira edição foi publicada em fevereiro de 1981. Já apareceram 32 edições, em 10 línguas, e 244.264 exemplares.

Sulco

Nova obra póstuma. “Tal como *Caminho (...)*, *Sulco* é fruto da vida interior e da experiência de almas de Mons. Escrivá. Foi escrito com a intenção de fomentar e facilitar a oração pessoal. Seu gênero e seu estilo não são, pois, os dos tratados teológicos sistemáticos, embora a sua rica e profunda espiritualidade encerre uma elevada teologia” (Do prólogo de Mons. Alvaro del Portillo). A primeira edição foi publicada em outubro de 1986. Já apareceram 24 edições, em 7 línguas, e 268.049 exemplares.

Forja

A última obra póstuma publicada, *Forja*, “é um livro de fogo, cuja leitura e meditação pode meter muitas almas na fornalha do Amor divino, e acendê-las em afãs de santidade e de apostolado, porque este era o desejo de Mons. Escrivá” (Do prólogo de Mons. Alvaro del Portillo). A primeira edição foi publicada em outubro de 1987. Já apareceram 14 edições, em 6 línguas, e 213.319 exemplares.

ORAÇÃO

para a devoção privada

Ó Deus, que concedestes inumeráveis graças ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão, fazei que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar, e de servir com alegria e com simplicidade a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com o resplendor da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se). Assim seja.

Pai Nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com esta **Folha informativa** em nada se pretende prevenir o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem finalidade alguma de culto público.

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São um testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor, tomando por intercessor Mons. Josemaría Escrivá. Aqui reproduzimos somente, por exigência de espaço, trechos de algumas delas, que relatam acontecimentos importantes ou episódios singelos.

Também agradecemos — ante a impossibilidade de fazê-lo nominalmente — as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas de edição e distribuição desta **Folha informativa**, e para ajudar a desenvolver as obras apostólicas promovidas sob o impulso do amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá.

Esta **Folha informativa** é distribuída gratuitamente. Os que desejarem contribuir com suas esmolas para as despesas de edição e de envio desta publicação podem remeter esses donativos, por vale postal (Ag. Correio: Vila Nova Conceição - CEP 04599 - São Paulo, SP) ou por cheque nominal, à **Vice-Postulação do Opus Dei no Brasil**, Rua João Cachoeira, 1496, CEP 04535, São Paulo, SP.

Agradecemos aos nossos leitores que nos enviem nomes e endereços de pessoas que possam estar interessadas em receber esta **Folha informativa** ou estampas com a oração para a devoção privada.